



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

BEATRIZ FERNANDES SILVA

**HOMOFOBIA E AMBIENTE ACADÊMICO: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE
GÊNERO NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB).**

ACARAPE - CE

2019

BEATRIZ FERNANDES SILVA

**HOMOFOBIA E AMBIENTE ACADÊMICO: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE
GÊNERO NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB).**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Violeta Maria de Siqueira Holanda

ACARAPE – CE

2019

Para minha mãe, Antônia Maria, que sempre sonhou meus sonhos junto comigo. E a todos aqueles que lutaram e lutam para romper barreiras diante da audácia de ser o que se é em um mundo feroz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe pôr a todo momento buscar me encorajar diante da vida, além de me ensinar a ser forte e persistente. Ao meu pai, Francisco Wandir, que sempre me apoiou e ao meu irmão, Guilherme, que me faz lembrar todos os dias qual a importância de se lutar por um mundo melhor. Agradeço também a todos os profissionais da educação que passaram ao longo de minha caminhada estudantil me ensinando lições muitas vezes mais valiosas do que as postas na lousa da sala de aula. A vocês toda admiração, gratidão e o máximo respeito. Aos amigos que contribuíram de forma direta ou indireta com a realização desse trabalho, deixo aqui o meu mais sincero afeto e agradecimento por sempre descontraírem os momentos mais pesados, estender a mão quando necessário e oferecer vossos ombros para dividir o peso do mundo. Sou verdadeiramente grata a todos aqueles que permaneceram do meu lado durante mais essa etapa importante de minha vida.

RESUMO

O presente projeto tem como objetivo analisar as ações praticadas pelos discentes que contribuem para a persistência da violência contra os grupos LGBTQ+ no ambiente acadêmico, compreendendo suas interferências na permanência (ou não) desses grupos na universidade, e possíveis estratégias educacionais e institucionais de combate a homofobia. Por meio da pesquisa qualitativa com discentes da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab) pretende-se em especial: Entender como se dão as violências simbólicas e/ou físicas contra os grupos LGBTQ+ na universidade; fazer uma breve análise de quais cursos de graduação abrangem as temáticas de gênero em suas grades curriculares; questionar aos/às estudantes qual a prioridade que os mesmos dão aos estudos de gênero em seus processos formativos; relatar como a instituição desenvolve estratégias para lidar com a problemática da homofobia; e entender como os estudantes se posicionam diante dos conflitos e das situações de violência.

Palavras-chave: HOMOFOBIA; HETERONORMATIVIDADE; LGBTQ+; UNIVERSIDADE; UNILAB.

SUMÁRIO

1. Apresentação	07
2. Objetivos	09
2.1. Objetivo geral	09
2.2. Objetivos específicos	09
3. Justificativa	10
4. Problematização / Construção do objeto de pesquisa	15
4.1. Mulheres Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais.....	18
4.2. Homens Gays, Bissexuais e Transsexuais.....	20
5. Referencial teórico	22
6. Metodologia	25
7. Modelo do questionário	29
8. Referências bibliográficas e outras fontes	31
9. Anexos.....	33

1. APRESENTAÇÃO

Os estudos de gênero têm se constituído historicamente como importante espaço reflexivo sobre as desigualdades entre homens e mulheres, bem como os conflitos provenientes das relações que envolvem a população LGBTQ+¹. Sabe-se que foram as primeiras mulheres feministas que começaram a questionar pautas que entram nas adequações de corpo e sexualidade (Scott, 1995). Uma das primeiras problemáticas referendada nas análises de gênero foi a compreensão da relação entre o sexo biológico e as relações constituídas culturalmente (de gênero), bem como os processos de violência vivenciados por sujeitos/as que não se adequam aos padrões normativos (re)produzidos socialmente. A violência de gênero se configura quando determinados corpos não se enquadram nas expectativas de feminilidade ou masculinidade instituídas socialmente como padrão, passando a sofrer danos e represálias por sua insubmissão.

Assim, a heteronormatividade pode ser considerada uma linha invisível que divide e regula os padrões sobre a sexualidade e o modo em que a sociedade se organiza. Sendo assim, funciona como uma espécie de norma da heterossexualidade como padrão de conduta/desejo/afeto. (Rich, 2010)

Diante de tais perspectivas, surge meu interesse em desenvolver um projeto de pesquisa que possibilite ir além do senso comum ao remeter somente o sexo biológico ao gênero, mas que possa refletir e contribuir de alguma maneira com as ações academicamente desenvolvidas em busca de se promover a produção do conhecimento e de dados sobre gênero e suas desigualdades. Ao fazer-me uma indagação de como trazer essa problemática para mais próximo da realidade em que se colocam hoje muitas das elaborações de estudos com essa mesma temática, enxerguei o contexto das universidades como um bom observatório de análise para essas questões que causam por muitas vezes inquietamento, fazendo o recorte específico para uma delas, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

A Unilab foi criada no ano de 2010 com o intuito principal de cooperação solidária entre os países lusófonos no contexto Brasil-África e, com o passar dos anos, acaba por ressurgir como um espaço transformador para a cidade a qual se localiza como pólo principal

¹ LGBTQ+ é a sigla dada para representar lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais. O “Q+” tem um significado diverso, não representando uma orientação sexual específica ou identidade de gênero, mas sim sobre identificar-se como algumas das letras da sigla, mas também fazer parte de todas elas ao mesmo tempo.

e escolhido para análise deste estudo. A UNILAB oferta, ao todo, dezoito cursos a níveis presenciais, sendo nas categorias de Licenciatura e Bacharelado e se dividindo entre quatro Campi, tendo dois localizados na cidade de Redenção - CE, um em Acarape – CE e outro São Francisco do Conde – BA, além de possuir em sua grade de docentes efetivos a primeira professora doutora travesti, Luma Nogueira de Andrade. A instituição reúne assim uma imensa multiplicidade de indivíduos ocupando espaços que se pensarmos em um passado não muito distante, ela jamais estaria posta no ambiente a qual está e muito menos recebendo o público que recebe, diante de que só a cooperação lusófona já se torna um diferencial, mas também em conjunto com a presença de uma comunidade acadêmica diferenciada como filhos de agricultores, estudantes estrangeiros e uma população que historicamente falando sempre foram colocadas a margem da sociedade. que passou a ter mais acesso as universidades devido a ampliação das políticas públicas afirmativas educacionais, esse espaço passa a ser um grande misto de culturas e personalidades.

Todavia, seria utópico imaginar que um determinado ambiente, por receber diferentes sujeitos/as postas como protagonistas dele estaria livre de refletir os preconceitos que são (re)produzidos diariamente por fora de seus muros. Não é incomum ouvirmos relatos dentro dos campi sobre situações de racismo e homofobia praticadas pelos estudantes nos espaços que competem a instituição ou que abrangem boa parte do corpo estudantil.

O intuito deste trabalho parte não somente das motivações já citadas sobre as compreensões de gênero, mas também para fazer uma análise de como a violência praticada contra os corpos LGBTQ+ interferem na permanência desses grupos no espaço acadêmico, visto que a homofobia serve como um dos principais veículos de represália a esses grupos.

Por meio de uma pesquisa qualitativa, serão ouvidos relatos dos discentes que se enquadram no perfil do estudo, sendo assim, que já foram ou se sentiram violentados/as em situações que se enquadram em situações de homofobia, para que quando o projeto venha a ser concluído, possa-se haver não só um veículo para dar ainda mais voz a esses grupos, mas também que colabore dando a relevância da importância de se estudar gênero na universidade não de forma obrigatória, mas sim como compromisso como indivíduo.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as ações praticadas na universidade que influenciam (ou não) na permanência de estudantes LGBTQ+ na UNILAB.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir quais são as motivações para a ocorrência da violência de gênero no espaço acadêmico.
- Descrever as disciplinas, atividades metodológicas e os eventos organizados pela universidade que abordam a temática de gênero e possuem a participação da comunidade acadêmica.

3. JUSTIFICATIVA

A universidade se constitui como um espaço educativo que promove não somente a formação técnica, mas também humana. Porém, em sua tese, Luma Andrade (2012) apresenta, trazendo como objeto de análise as escolas, esses espaços educacionais tratam-se de ambientes que funcionam com base nas relações de poder, onde as demarcações quanto a

função que cada indivíduo deve exercer são mapeadas afim de manter o controle comportamental dessas instituições.(Andrade, 2012) Trazendo para o contexto das universidades, com a presença da pluralidade de indivíduos que tiveram atualmente mais acesso a esses espaços em circunstância das políticas afirmativas universitárias, elaboradas com base na Lei nº 12. 711/2012 de Cotas, esses ambientes passaram a serem transformados, pois se pensarmos no âmbito acadêmico em alguns poucos anos atrás, as universidades eram espaços majoritariamente elitizados, onde determinados grupos jamais poderiam ter acesso a ela. Mesmo assim não se apresentam indicativos que essas demarcações funcionem de uma maneira diferente.

Esses/essas sujeitos/as adentram os espaços acadêmicos transformando não somente a con-vivência universitária, mas as perspectivas reflexivas que considerem seu lugar de fala e a produção do conhecimento ampliada pelas epistemologias diversas.

No que se trata sobre os processos de integração, uma pauta importante se apresenta na consideração dos valores e padrões aprendidos culturalmente, que influenciam ou estão presentes no con-viver na universidade, interferindo nas experiências coletivas, especialmente, quando tratamos das questões do lidar com a diversidade das expressões da sexualidade, das identidades de gênero e suas interseccionalidades. Sabemos que por não viverem dentro de um padrão comportamental que se é esperado e repassado pela sociedade, alguns grupos passam a ser mais excluídos do que outros, seja por questões de raça e/ou classe ou por não viverem nos padrões heteronormativo que nos são repassados e, embora o/a cidadão/ã possua assegurado o direito da liberdade de expressão, não é assim que isso ocorre muitas vezes quando tratamos dos grupos LGBTQ+.

Do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos. (BARRILLO, 2000, p.13)

Obviamente isso não ocorre de maneira diferente dentro das universidades, como podemos tratar como exemplo um caso ocorrido na UFPI em que atentados homofóbicos se proliferaram até chegarem ao conhecimento da polícia federal por meio de denúncias após uma pichação ser encontrada em um dos banheiros da instrução com a seguinte frase: "vamos matar viado". No contexto de uma universidade localizada em um Estado do nordeste do país,

“matar viado” significa o extermínio do sujeita/o que não se enquadra dentro de uma masculinidade ou feminilidade que é imposta a aquele copo para que ele seja socialmente aceito.

As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses dois gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece (BUTLER, 2009, p. 162)

Assim como a autora contextualiza, podemos apontar o fato de que existe uma grande massa de pessoas que fazem da homofobia um dispositivo que possibilita a demarcação dos limites do gênero, atingindo assim não somente esses grupos, mas a sociedade como um todo, acabando por funcionar como uma forma de opressão às minorias. Para encobrir a não aceitação daquilo que não é compreendido como normativo, é comum ouvirmos argumentos de que "Deus criou o homem e a mulher para procriarem e perpetuarem a espécie" ou permanecem com a ideia do binarismo (masculino/feminino) como o único modelo possível no contexto das relações e identidades de gênero.

O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. (LOURO, 2001, p.542)

Perante as diversas individualidades que compõem esses espaços, outras formas de preconceitos e violências ainda podem ser observadas não apenas dentro dos campi da universidade, como também nos locais externos a ela, e que são frequentados pela comunidade acadêmica, como as festas de república e calouradas.

Uma das explicações para essa mácula se desenvolver dia após dia dentro da sociedade é o fato de que, desde a escola primária, somos educados do que deve ou não ser feito, o que é certo ou errado, e somos divididos em grupos baseados naquilo que nos é determinado desde os primórdios. Isso reflete e serve como base para a reprodução de valores que nos acompanham em todo e qualquer espaço.

Esse fato implica consideravelmente um desconforto que tem como consequência o distanciamento do/a sujeito/a LGBTQ+ que sente muitas vezes excluído/a e acaba por evitar espaços de socialização por receio de sofrer alguma represália direta ou indireta, fazendo com que sua permanência nesses ambientes se torne muitas vezes fragilizada ou que por vezes o estudante acabe por optar em desistir ou trancar o curso, visto que o enfrentamento de diversas formas de violências psicológicas e até mesmo físicas possibilitam o adoecimento dos indivíduos. Sobre isso, Guacira Louro reflete que

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância. (LOURO, 2000, p. 30).

Levando em consideração que assim como a autora afirma que o conhecimento é mantido com base nas hierarquias que a sexualidade normativa aplica, nas universidades muitas vezes se mantém as mesmas demarcações e linhas de pensamento com relação a essa problemática, o que interfere até mesmo no egresso dos grupos LGBTQ+ em universidades, diante de que ainda se é compreendido por uma parte significativa de pessoas que esses determinados locais não são ambientes acolhedores a esses indivíduos.

Na UNILAB, durante a abertura do edital 29/2019² destinado ao preenchimento de vagas ociosas para pessoas Trans, Intersex e Não Binárias, o que pode-se relatar ao ouvirmos os comentários que percorriam os campi, trata-se de uma grande e inicial desinformação sobre do que significam essas categorias e o que as diferem, mas além disso, o que se percebia/percebe se trata de uma forte homofobia velada por preceitos meritocráticos onde se persiste a ideia de que esses sujeitos abrangidos pelo edital possuem as mesmas oportunidades que as demais pessoas de engessarem e de se manterem dentro desses ambientes ou de que os mesmos estariam ocupando uma vaga de outros indivíduos que supostamente mereceriam estar mais ali. Em um das assembleias organizadas pelo DCE (Diretório Central dos

² Edital 29/2019:

http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/07/PROCESSO-SELETIVO-TTT_2019-2_29_19-1.pdf

Estudantes) após a intervenção do o MEC³ ter resultado no cancelamento do edital, no momento em que foi pautado para que a comunidade acadêmica decidisse por votação se apoiaria a permanência do mesmo ou não, o que se ouviu foram ofensas contra a mesa organizadora e xingamentos, juntamente com pedidos para que a pauta fosse trocada e embora a comunidade tenha decidido por a sua maioria que apoiaria a manutenção do edital, anda sim existiram estudantes que se manifestaram contra, argumentando não enxergar a relevância do mesmo.

Além disso, o cancelamento do edital ocasionou um processo de ocupação estudantil organizado para pressionar a reitoria pela permanência do edital 29/2019 e outras reivindicações acerca da situação orçamentária da instituição após o contingenciamento de verbas realizados pelo MEC⁴ para as Universidades Federais e Institutos Federais. Essa mobilização inicialmente foi organizada pelos estudantes LGBTQ+ da instituição e aderida por demais discentes, e também pela comunidade externa. Nesse período o que se via era uma proliferação da tentativa de a todo custo marginalizar o movimento dentro dos campi e nas redes sociais, principalmente com comentários mentirosos acerca do que se tratava realmente a ocupação, colocando a culpa nos estudantes LGBTQ+ pela paralisação das aulas e ignorando completamente as outras também urgentes reivindicações feitas a reitoria.

Por fim, esse projeto também se justifica com base no propósito de se fazer uma ressalva da importância da permanência dos estudos de gênero no âmbito acadêmico, trazendo como principal veículo para o combate das práticas homofóbicas, a proliferação da informação e do conhecimento, mas ainda sim levando-se em consideração que a homofobia está presente nos próprios espaços acadêmicos. A desinformação trata-se somente de um dos seus gatilhos.

³ Mais inf: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/mec-intervem-universidade-federal-suspende-vestibular-p-ara-trans-diz-bolsonaro-23811955>

⁴ Mais inf: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/03/universidades-afirmam-que-corte-de-30percent-do-mec-pode-comprometer-ensino.ghtml>

4. PROBLEMATIZAÇÃO / CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

A universidade é um local privilegiado em que o conhecimento e o acesso à informação estão cotidianamente presentes em suas instâncias. Tendo isso em vista, de quais maneiras os conjuntos de atitudes, crenças e valores praticados entre os discentes da UNILAB contribuem para os constantes episódios de violência contra os grupos LGBTQ+ dentro do espaço acadêmico e de que maneiras isso interfere na permanência (ou não) desses indivíduos na universidade?

Na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, a violência contra os grupos LGBTQ+ pode ser observada diariamente entre discentes. Não é algo incomum observarmos olhares de reprovação ou insultos dentro dos espaços que a compõem, mas não somente neles. É natural que a comunidade acadêmica se organize de forma informal fora dos horários das aulas, formando assim as famosas festas de república e calouradas, esses eventos muitas vezes não ocorrem somente dentro dos campus da universidade, mas como comportam boa parte do corpo estudantil, também servem como observatório para o estudo dessa prática. O estereótipo de que "todo homossexual sente atração por homens héteros, ou de que toda lésbica possui uma maneira de agir mais masculinizada", além do desconhecimento em saber do que se tratam as questões entre identidade de gênero e sexualidades e o que as diferem dentro dessas categorias, são breves questões que impedem muitas vezes que ocorra uma integração entre os grupos, causando uma linha divisória invisível entre eles, divisão essa que também pode ser observada nos restaurantes universitários e espaços de convivência da universidade.

Como um espaço coletivo e formativo a universidade precisa desenvolver estratégias de conhecimento e de boa con-vivência nas questões relacionadas ao gênero e seus conflitos, seja do ponto de vista da formação temática ou do fomento a práticas sociais de respeito as diferenças, comumente vinculadas às ações da assistência estudantil.

A UNILAB oferta ao todo 18 cursos de graduação, variando entre licenciaturas e bacharelados. Fazendo uma breve observação das grades curriculares que são ofertadas semestralmente para cada curso, podemos compreender que pouco se fala de gênero dentro da sala de aula e mesmo que a universidade possua disciplinas obrigatórias de cunho comum, poucas delas são voltadas para essas temáticas. Mas ainda assim podemos perceber que os cursos das áreas de Ciências Humanas mantêm presente em suas grades, cadeiras relacionadas

sobre questões de gênero, mas pouco se fala sobre a violência sofrida pelos grupos LGBTQ+ nas universidades ou muitas vezes permanecem dentro dos conhecimentos hegemônicos de feminino e masculino.

Nas disciplinas de cunho comum, podemos citar a “Sociedades, diferenças e direitos humanos nos espaços Lusófonos” que faz um recorte de gênero em seus temas estudados independente de qual categoria do conhecimento determinados cursos se enquadrem. Essa disciplina é ofertada aos alunos logo no primeiro semestre como cadeira obrigatória a todos os cursos e justamente por isso, podemos enxergar uma problemática na abordagem nas questões de gênero propostas pela universidade. Enquanto os estudantes dos cursos de Ciências Humanas continuam com temas de gênero presente em suas cadeiras ao longo da graduação, os de Ciências Exatas ou da Saúde, por exemplo, encerram os contatos acadêmicos com essas discussões logo no primeiro ou segundo semestre, diante de que não vos é ofertado mais nenhuma ou pouquíssimas disciplinas que abordem sobre.

A universidade enquanto instituição promove rodas de conversas, palestras, oferece assistência psicológica e um Núcleo de Gênero como forma de não somente promover a conscientização sobre as relações de gênero entre os discentes dentro dos campus, mas também oferecer assistência para aqueles que sofrem qualquer tipo de violência dentro de suas instalações. Há iniciativas por parte da assistência estudantil da universidade, porém percebe-se que falta uma política institucional em gênero mais arrojada, e isso tem sido cada vez mais dificultado diante do conservadorismo instaurado no governo federal, a exemplo do que aconteceu com o episódio do edital 29/2019.

Enquanto a instituição busca maneiras de promover a devida conscientização a respeito do que se trata o racismo, a homofobia ou até mesmo a xenofobia, visto que a UNILAB recebe estudantes oriundos do continente africano e timorense, nota-se o pouco comprometimento dos discentes a respeito desses temas como prioritários em seus processos formativos. Ao observarmos a quantidade de estudantes que se fazem presentes nesses determinados eventos percebe-se que menos da metade do corpo estudantil comparece por livre e espontânea vontade, sem que algum professor tenha o desejo de abordar essas temáticas como conteúdo de suas aulas ou quando participam, geralmente já possuem alguma determinada familiaridade com a temática ou isso o desperta algum tipo de interesse.

Esse fato possui origem devido ao contexto de que para muitos, o que basta é não ser preconceituoso e que não se faz necessário aprofundar-se nas temáticas de gênero, visto que o

senso comum nos implica duas ou no máximo três categorias que fogem da heteronormatividade imposta, sendo elas o homem gay, a mulher lésbica e as travestis. Pensando desta forma, fica subentendido de que quando não se há o aprofundamento dentro das questões de sexualidade e identidade de gênero, “involuntariamente” alguns preconceitos podem ser reproduzidos, diante de que quando não se possui ciência do que se difere um corpo travesti de um corpo transgênero, por exemplo, fica compreendido dentro do senso comum que todas essas categorias não passam da mesma coisa, quando na verdade não é exatamente assim que ocorre, abrindo assim lacunas para o exercício de práticas que podem ser enquadradas como homofóbicas.

Isso se torna presente dentro dos campi da universidade, visto que os grupos LGBTQ+ já são marginalizados fora desses espaços, mas que quando os adentram, passam a ser subjugados muitas vezes como um corpo estranho que não deveriam ocupar aquele determinado local. Isso fica nítido quando paramos para ouvir e observar as narrativas dos discentes que usam de seu poder de fala nos eventos organizados para debate dessas questões. São relatos de exclusão dentro da sala de aula por meio dos colegas, piadas ofensivas destinadas as suas vestimentas que as vezes viram motivo de questionamento por não se adequarem no que é esperado perante sociedade, como se a forma de se portar qualificasse sua competência. Mas a priori o que se coloca aqui, de acordo com Judith Butler, parte do pressuposto de que se levarmos em consideração apenas o sexo biológico de uma pessoa, não existem maneiras concretas de se prever qual orientação sexual ela terá ou quais orientações terão os seus desejos ao longo de sua vida (Butler, 2009), um estudante que não se acha no dever, não se sente motivado, ou por sua vez não se interessa em saber o que difere uma sexualidade, orientação sexual ou identidade de gênero, acaba enquadrando todas essas categorias apenas dentro do que ele compreende como homossexualidade, pois não se há a compreensão de que se existe outras denominações a serem postas sob os corpos que fogem daquilo que ele compreende do que se trata gênero, passando assim a reproduzir preconceitos, embora que “inconsciente”.

Contudo, esses fatores podem até apresentar menor impacto quando postos ao lado das demais motivações para a permanência dessas práticas violentas no espaço acadêmico, visto que bastaria que houvesse uma maior proliferação dos estudos de gênero dentro desses ambientes para sanar essa primeira problemática. Porém, é sabido que a homofobia não se mantém somente oriunda da ignorância, já que também é comum que pessoas que possuem

um determinado grau de instrução utilizem de outras ferramentas para impor as suas formas de catalogação. Trazendo para o contexto unilabiano, vez ou outra ouvimos relatos de intolerância religiosa dentro dos campi, o que muitas vezes embasa discussões comportamentais baseadas em crenças individuais, mas que muitos ainda possuem o desejo de torná-lo um padrão. Além disso, seria falho tentar especificar um determinado modelo para esses acontecimentos, visto que primeiramente, essas violências são de cunho específicas quando tratamos do aprofundamento das categorias LGBTQ+.

Em resposta a essas situações, como já foi apresentado, a UNILAB busca promover a conscientização de seus discentes por meio de eventos organizados pelo Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades (NPGS) e as demais entidades da universidade e do corpo estudantil que se fazem responsáveis por essas demandas, além da assistência psicológica fornecida durante três dias da semana. Essas ações também conversam com as que são projetadas pelos próprios estudantes juntamente com entidades como o DCE (Diretório Central dos Estudantes) e CA'S (Centros Acadêmicos) que colaboraram também elaborando eventos com essa temática, além da exibição de filmes e exposições de pesquisas de forma pública, como geralmente acontece nas semanas acadêmicas de cada curso. Mesmo assim a homofobia resiste dentro desses espaços, dificultando a permanência desses estudantes diante de que as violências simbólicas causam por vezes o adoecimento mental, principalmente quando esses desafios são enfrentados diariamente.

4.1. MULHERES LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS.

Fazendo um breve recorte dentro desses grupos, a mulher lésbica, bissexual, trans ou travesti, sofre violência não somente oriunda da desinformação, do preceito de uma heteronormatividade padrão ou de uma lesbofobia velada por crenças religiosas, mas também pela hiperssexualização de seus corpos ou do encaramento da sua orientação sexual ou identidade de gênero como um fetiche naturalizado dentro das categorias de uma masculinidade tóxica.

Segundo Welzer-Lang (2001, p. 461) “Os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos”. Assim como o autor aplica em seu

artigo, “A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia” (2001) o patriarcado exerce sob o corpo feminino suas relações de poder simbólico como forma de reprimir suas ações e de oprimir suas demandas a fim de promover a manutenção da dominação masculina.

Uma das principais formas de se exercer esse controle é a obrigatoriedade de se encaixar nos padrões impostos, sendo o primeiro deles, vestir-se de uma forma feminina, pois isso seria o que crucialmente a diferenciaria de um homem. Caso isso não ocorra, aquele corpo feminino deixa de ser encarado como normativo, diante de que isso causaria uma ruptura nos contextos presentes no senso comum do que se trataria a feminilidade.

Com base nisso, essa determinada mulher que não se adequa a aquilo que vos é imposto, passa a sofrer como represália inicialmente a exclusão, logo mais começa a passar por preconceitos oriundos do estereótipo de que as mulheres lésbicas possuem obrigatoriamente um instinto mais masculinizado, ou ouvem ofensivamente, que “gostam de se parecer com macho”. Isso se agrava principalmente quando essas mesmas mulheres começam a ocupar espaços majoritariamente frequentados pelo sexo masculino.

No contexto acadêmico, nota-se que ainda é pouca a demanda de mulheres em áreas do conhecimento como os cursos oriundos das Ciências Exatas, isso se deve ao fato de que ainda é presente em nossa sociedade o pensamento de que existem determinados empregos para homens e outros para mulheres. Assim como nas demais universidades, a UNILAB também possui uma quantidade inferior de mulheres em relação aos homens em determinados cursos, mas o que embasa esse recorte dos questionamentos deste estudo são as violências que as mulheres LGBTQ+ sofrem dentro desses espaços, embora outras mulheres que não vivem dentro de uma padronização comportamental, mas que são heterossexuais, também sofram violências oriundas de preceitos homofóbicos por serem vítimas de uma estrutura machista.

O exercício da homofobia contra essas categorias no contexto acadêmico ocorre de forma sexista ou de aversões aos seus corpos. Nesse contexto, o que se relata trata-se situações em que as mesmas passam a serem convidadas a se retirarem de determinados espaços porque seus corpos foram compreendidos como masculinos dentro desses ambientes que se possui a expectativa de que sejam frequentados apenas por um determinado padrão de pessoas. Situações abordadas nessa pesquisa com base em relatos narrados de forma anônima por discentes homossexuais, transexuais e travestis da UNILAB para que se pudesse ter um contato inicial com essas problemáticas.

“Já sofri discriminações dentro do espaço acadêmico, que foram desde violências simbólicas a oralizadas. Na semana de programação de atividades realizadas pela Coordenadoria de Mulheres do DCE após a tentativa de feminicídio dentro da universidade realizamos uma performance no Campus da Liberdade e quando eu estava dentro do banheiro com as companheiras fui interpelada para se retirar do banheiro feminino da instituição por uma funcionária (possivelmente alguém falou e creio, não sei, que a alguém pediu a ela para vir pedir para eu sair). Recebi apoio das meninas que estavam no banheiro comigo.”

-Relato compartilhado por uma discente do curso de Antropologia. UNILAB-CE.

Como já foi citado ao longo deste estudo, as violências sofridas pelos grupos LGBTQ+ perpassam os muros da universidade e se proliferam nos demais espaços que são ocupados pelo corpo estudantil. Nas festas de repúblicas ou eventos que são organizados pelos discentes fora dos horários das aulas, é notório que se projeta uma divisão desses espaços, onde não se observa uma real interação entre os grupos LGBTQ+ e os heterossexuais e quando ocorrem, por vezes são de indivíduos que ainda performam alguma normatividade.

Nesse contexto, a homofobia se exerce em cima desses corpos considerados por alguns como indesejáveis, inicialmente por meio da exclusão, acompanhadas de olhares ou de piadas ofensivas. Se tratando de mulheres lésbicas, travestis ou de qualquer figura que projete em seu corpo alguma figura que remeta ao sexo feminino, mas que ainda sim fuja de um heteronormatividade, o que se relata trata-se de uma violência objetificadora que interpreta essa orientação sexual ou identidade de gênero como uma porta para a realizações de fetiches.

4.2. HOMENS GAYS, BISEXUAIS E TRANSSEXUAIS.

Essa categoria costuma relatar sofrer violências motivadas pelo seu comportamento quando não performam a dita masculinidade que se é esperada para o seu corpo, seja por meio do seu linguajar, vestimentas ou qualquer ideia que esse indivíduo projete sobre o seu corpo que de alguma forma remeta ao sexo feminino.

“Eu particularmente não gosto de usar calça comprida, sempre vou pras aulas de bermuda principalmente por causa do calor também, eu sei que o comprimento dos meus shorts na maioria das vezes é mais curto ou apertados do que a maioria dos homens usam e já fui questionado algumas

vezes por colegas se eu não pretendia mudar esse hábito já que cursava uma licenciatura e iria lidar com um público diverso. Eu entendo que a sociedade espera que um professor se porte de uma determinada maneira e depois disso passei a me questionar sobre essas questões, mas cheguei à conclusão de que é muito diferente estar cursando uma graduação e já exercer uma profissão. Esses olhares e comentários incomodam bastante, principalmente quando eles parecem questionar a minha capacidade como acadêmico.”

-Relato compartilhado por um discente do curso de Licenciatura em Matemática da UNILAB – CE.

Dentro das salas de aula, restaurantes universitários, bibliotecas e demais espaços de convivência, essas ações ocorrem quase da mesma forma, mas ainda sim de maneira mais velada.

“Na fila do restaurante universitário, percebia violências simbólicas por parte de alguns estudantes presentes e servidores que estavam na cozinha do referido local e aquilo mexia comigo. Eu pensei que tal momento eu teria que gritar ou partir para o ataque nesse espaço para ser respeitada”

-Discente do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, UNILAB – CE.

Para os homens, assim como para as mulheres, não viver em um contexto normativo seja ele comportamental ou de identidade de gênero, faz com que homofobia opere como uma via de mão dupla onde fere todo e qualquer corpo que ouse não se adequar naquilo que se é imposto socialmente, mesmo quando ele se identifica também com o seu sexo biológico. Não é incomum vermos em jornais notícias sobre pais que espancam ou até matam seus filhos por os mesmos em algum momento agir de alguma forma que remeta ao sexo feminino perante o que a heteronormatividade e o patriarcado determinam.

5. REFERENCIAL TEÓRICO.

Com base nos estudos sobre gênero, é sabido que inicialmente que esse termo foi utilizado por muito tempo de formas questionáveis antes das primeiras feministas passarem a compreendê-lo de uma forma que possibilitasse fazer referência às formas de organizações sociais e relações entre os sexos. Segundo o que Joan Scott afirma em seu artigo, “Gênero, uma categoria útil de análise histórica” (1995),

Na sua utilização mais recente, o termo "gênero" parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. (SCOTT, 1995, p. 72).

Os estudos estruturalistas afirmam que é necessária a diferença entre os corpos para que outras identidades possam existir e enxerga que o gênero se constrói com base ao corpo biológico, embora compreenda que a existência de dois gêneros determinados não impossibilita que outras formas de feminilidade e masculinidade venham a imergir nos indivíduos, principalmente quando se é feito recortes sobre etnias e culturas.

Para as teóricas estruturalistas, o gênero implica em alteridade, ou seja, para que exista o masculino é necessário seu oposto, o feminino. O processo de constituição de identidade se dá pelo reconhecimento de que existem pessoas idênticas e diferentes de nós mesmos. (HÉRITIER *apud* GROSSI, p.05)

Porém, se contrapondo a essa teoria, os estudos pós-estruturalistas compreendem o gênero como algo mutável, existindo assim diversas formas de demonstrá-lo e não somente o masculino e feminino. Com base nisso, esse conceito perpassa a ideia das relações entre o homem e a mulher e seus sexos biológicos e passa a ser encarado como uma questão de identidade não ligada somente a biologia.

Esta corrente tem estudado particularmente os indivíduos que mudaram de sexo, os transgêneros, e tem refletido de forma sistemática sobre a forma como indivíduos não heterossexuais se veem no mundo. Para elas, o fato de haver machos e fêmeas biológicos é só uma questão de contingência,

contingência que pode ser mudada graças às novas tecnologias médicas que permitem subverter a ordem “natural” deste corpo. (GROSSI, 2004, p.05)

Adriane Rich reflete que a heteronormatividade funciona de forma compulsória e serve como uma linha de demarcação entre o corpo e o sexo, o que acaba por vincular repressões para com aqueles que não cumprem essa norma que perpassa a história das sociedades (Rich, 2010). Diante disso, podemos perceber que embora os estudos sobre gênero sejam mutáveis e que novas catalogações sejam criadas para esse debate, enquanto o sexo ainda for compreendido como forma reprodutiva, de saciar desejos ou determinar relações de poder, a heteronormatividade continuará normatizando os indivíduos das formas construídas socialmente e aquele que ousa não se enquadrar nessas determinações acaba por sofrer repressão devido a sua oposição ou não enquadramento. Paul Beatriz Preciado salienta com base nesses questionamentos que:

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. (PRECIADO, 2014, p. 26).

Diante disso, podemos compreender as motivações para a persistência das violações aos corpos que não vivem em um contexto normativo. Ao levarmos em consideração que vivemos em uma sociedade que ainda visa as construções normativas como uma espécie de regra de padronização, as violências de caráter simbólicos perpetuam como a forma mais eficaz de manter as relações de poder. Segundo o que Daniel Borrillo explica em seu livro “Homofobia, história e crítica de um preconceito”, “a homofobia se enquadra como uma atitude de hostilidade contra os homossexuais, sejam eles homens ou mulheres” (Borrillo, 2000).

(...) o termo foi utilizado pela primeira vez nos EUA, em 1971; no entanto, ele apareceu nos dicionários de língua francesa somente no final da década de 1990: para Le Nouveau Petit Robert, "homofóbico" é aquele que experimenta aversão pelos homossexuais; por sua vez, em Le Petit Larousse, a "homofobia" é a rejeição da homossexualidade, a hostilidade sistemática contra os homossexuais. Mesmo que seu componente primordial seja, efetivamente, a rejeição irracional e, até mesmo, o ódio em relação a gays e lésbicas, a homofobia não pode ser reduzida a esse aspecto. (BORRILLO, 2000, p.13)

Esse conceito é utilizado para designar as aversões em relação às homossexualidades, mas é falho resumi-la somente nesse contexto, diante de que para sanar essa problemática bastaria que fosse necessário a aplicação de medidas que viessem a minimizar os efeitos desses sentimentos, mas com o passar dos anos, a homofobia vem se apresentando como uma persistente forma de humilhação e exclusão dos homossexuais e que se instala nas sociedades por meio da cultura de seus povos, mesmo que a mesma esteja sempre em processo de transformação.

(...) a homofobia individual (rejeição) e a homofobia social (supremacia heterossexual) podem funcionar distintamente e existir de maneira autônoma. Assim, é possível não experimentar qualquer sentimento de rejeição em relação a homossexuais (e até mesmo ter simpatia por eles/as) e, no entanto, considerar que eles/elas não merecem ser tratados/as de maneira igualitária. O mesmo ocorre com a misoginia: quantos homens desejam e amam mulheres, sem que essa atitude os impeça de tratá-las como objetos? (BORRILLO, 2000, p.87)

Essa citação torna-se importante, pois ao apresentar e diferenciar os conceitos de homofobia individual e homofobia social e ao compreendermos o que o autor aplica, quando tratamos dessas demandas, seguimos a mesma linha das teorias sobre a heteronormatividade (aplicado por Rich) e de como ela interfere diretamente nas hierarquias de poder postas em sociedade.

A homofobia social serve como embasamento para o ato dessa pesquisa, diante de que há indivíduos que não demonstram sentimento de aversão ao sujeito homossexual, mas que não enxergam como corpos merecedores de ocupar determinados espaços ou que se caso cheguem a ocupar, o que acomete trata-se de uma romantização das questões sobre meritocracia enquanto essas categorias não passam a se aglomerar em espaços colocados no topo das relações hierárquicas da heteronormatividade e do gênero, pois quando isso ocorre, passa a ser interpretado como ameaça a essas hierarquias.

Quando tratamos dessas demandas no contexto acadêmico isso não ocorre de forma diferente visto que esses espaços foram inicialmente projetados para um determinado segmento da sociedade, mas que com o passar dos anos e do aperfeiçoamento das políticas públicas educacionais no Brasil, esses espaços passaram a se tornar contra hegemônicos.

No contexto educacional, o termo bullying tem sido utilizado para nomear a violência sofrida por alunos (as) no ambiente escolar, e o termo bullyinghomofóbico tem sido utilizado para nomear especificamente a violência sofrida por alunas (os) gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. (FERNANDO, dinis, 2001 p.42).

Diante disso, podemos compreender que as violências de gênero refletem dentro dos espaços educacionais, embora que de forma mais velada, o que implica diretamente nos números de evasão desses ambientes quando tratamos dos grupos LGBTQ+, pois oriundos dos pressupostos de uma neutralidade comportamental, qualquer sujeito que fuja das expectativas formuladas perante sociedade, passa a sofrer exclusão, ofensas e outras violências psicológicas que causam transtornos a saúde emocional desses estudantes, fazendo com que os mesmos abandonem a escola ou instituições de ensino superior.

6. METODOLOGIA

Segundo os métodos de Gaskell (2000) é necessário que o pesquisador antes de iniciar a elaboração de uma pesquisa, crie uma familiaridade com o ambiente, o que implica na possível necessidade da leitura de documentos, obtenção de relatos informais ou atentar-se aos boatos do campo de estudo. Visto que na problematização desta pesquisa já foram postos alguns relatos informais feitos de forma anônima para que se pudesse obter o embasamento dentro do tema estudado e criar uma proximidade com os grupos que serão entrevistados, o estudo segue para a elaboração de questionários e entrevistas. Ainda assim é importante ressaltar que nessa primeira etapa é necessário que se faça um recorte mais aprofundado nas questões de identidade de gênero e orientação sexual, visto que são coisas diferentes, mas nem sempre caminham opostas. Sobre isso a hoje infelizmente extinta Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) expõe que:

O binarismo dificulta a compreensão de que, embora identidade de gênero se relacione com orientação sexual, dela se diferencia. A pluralidade, a multiplicidade e a dinamicidade das identidades de gênero e das expressões afetivo-sexuais são próprias dos processos de construção de sujeitos e identidades nas sociedades contemporâneas e, também por isso, devem ser tratadas como direitos de todas as pessoas. (SECAD/MEC, 2007, p.20)

Levando isso em consideração, enxerga-se a necessidade da continuidade das reflexões bibliográficas, ou seja, a exploração de estudos relacionados a essa temática e do trabalho do pesquisador em buscar familiarizar-se ainda mais com estas vivências já relatadas.

Perante que o objetivo central desse trabalho é descrever atitudes, crenças e valores que contribuem para a permanência da violência de gênero na UNILAB, e de que maneira isso implica na permanência (ou não) desses grupos no espaço acadêmico, podemos qualificar a pesquisa de cunho qualitativo, diante de que esse método visa analisar as subjetividades dos/as interlocutores/as que comporão a pesquisa, a fim de dar espaço e considerar de maior importância as vivências e relatos que foram e serão compartilhados, levando em consideração os contextos sociais dos grupos escolhidos para o estudo.

Em um primeiro momento de prática, por meio da aplicação de questionários para no mínimo 15 discentes de cada curso de graduação da UNILAB – CE, que possuem a faixa etária acima de 18 anos, inicialmente poderemos fazer a coleta de dados de quantos estudantes não possuem a heterossexualidade como orientação sexual ou não vivem em um contexto normativo, se caso já se sentiram ou presenciaram situações de violência física ou psicológica dentro dos campus da universidade ou nos ambientes frequentados por grande massa da estudantada. No mesmo questionário também será indagado se o discente que viveu ou observou algumas dessas situações, prestou apoio à vítima ou em um caso mais grave, reportou as diretrizes competentes da universidade para que as devidas providências fossem tomadas. Além de que, como já foi apontado, seria interessante questionar aos estudantes se eles acham relevante uma maior presença de estudos sobre gênero em seus cursos ou se os mesmos procuram participar dos eventos realizados pela instituição e os demais discentes, que possuem essa temática como ponto principal.

Essa pesquisa poderá ser respondida de forma anônima caso o discente deseje não se identificar, além de que deve ser levado em consideração que esta é a primeira fase deste trabalho a ser levada a campo, portanto, neste momento o que se dá como prioridade para a continuidade desse estudo é um levantamento de dados para a compreensão de que forma os discentes se sentem e reagem perante as situações de homofobia e qual a relevância que os mesmos dão para essas questões. Ao final do questionário, será indagado se os discentes que se declaram LGBTQ+ e se sentiram ou foram violentados por outros estudantes gostariam de

se voluntariar para dar continuidade a segunda fase da pesquisa, também de forma anônima (caso deseje).

Nesta segunda etapa serão realizadas entrevistas semi-estruturadas individuais com os discentes que se voluntariaram a participar, a fim de buscar ouvir os relatos sobre as formas de violência que esses estudantes sofreram, para que assim possa haver um aprofundamento de quais maneiras a homofobia usa para ainda se instaurar nesses espaços, como também fazer um aparato de quais maneiras isso interferiu nos seus desejos pessoais e acadêmicos. Além disso, como já foi falado, não seria correto colocar uma catalogação nessas violências, visto que cada indivíduo a projeta de uma forma diferente quando tratamos da multiplicidade dos corpos LGBTQ+, portanto, nessa fase o que será priorizado serão as vivências de cada discente e de como isso os afetou dentro da academia.

Ainda segundo Graskell (2000), é necessário que algumas etapas sejam elaboradas antes das entrevistas, como a elaboração de perguntas iniciais que servirão como indicativo ao longo da narrativa do entrevistado. Diante de que a metodologia escolhida para essa etapa segue a linha das entrevistas individuais, Graskell (2000) ressalta que durante as conversações o pesquisador não deve interromper ou fazer questionamentos enquanto aos acontecimentos relatados, assim como não deve dar opiniões ou questionar ações. Ao final da narrativa, o pesquisador deve parar de gravar, agradecer o entrevistado e fazer as devidas anotações imediatamente após o fim.

Esse segundo método de pesquisa foi escolhido devido a intenção de que ao final da análise de todos os relatos narrados, seja elaborado um documentário de narração em off⁵, onde só se ouvirão as vozes dos interlocutores sem que os mesmos apareçam nas imagens, a fim de que assim seja resguardado o anonimato daqueles que se voluntariaram a participar da pesquisa. A intenção final é que esse filme possa ser apresentado inicialmente aos Centros Acadêmicos de cada curso da UNILAB, juntamente como DCE (Diretório Central dos Estudantes) para que em diálogo com as demais coordenações dos cursos, o Núcleo de Gênero e a Pró-Reitoria de Assistência Estudantil, possa ser organizado uma agenda ou evento específico para a efetivação do projeto, a fim de que ele se torne mais um veículo que colabore com a disseminação da importância de não só falar-se de gênero de forma mais

⁵ Documentário voz off: <https://margofilmes.com.br/voz-over-voz-off-conheca-as-diferencas/>

aprofundada nas universidades, mas também promover a conscientização individual de que é necessário não só respeitar a comunidade LGBTQ+, mas também reconhecê-la e lutar juntamente para a sua permanência nesses espaços.

7. MODELO DO QUESTIONÁRIO (sujeito a alterações)

NOME: (opcional)

IDADE:

CURSO:

QUAL A SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL?

- HÉTÉROSEXUAL BISSEXUAL
 HOMOSSEXUAL OUTRO

QUAL A SUA IDENTIDADE DE GÊNERO?

- TRANSGÊNERO CISGÊNERO
 NÃO BINÁRIO TRAVESTI
 OUTRO PREFERE NÃO RESPONDER
 NÃO SABE DO QUE SE TRATA ESSAS DENOMINAÇÕES

O SEU CURSO POSSUI DISCIPLINAS QUE ABORDAM TÊMATICAS DE GÊNERO?

- SIM NÃO

VOCÊ JÁ SOFREU OU PRESENCIOU ALGUMA SITUAÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO OU HOMOFÓBIA DENTRO DOS CAMPUS DA UNILAB OU NOS EVENTOS FREQUENTADOS PELOS ESTUDANTES? (calouradas, festas de república, etc)

- SIM NÃO

SE SIM, VOCÊ CHEGOU A REPORTAR ISSO A ALGUÉM? (professores, seguranças, psicólogos, colegas, etc.)

- SIM NÃO

VOCÊ ACHA IMPORTANTE ESTUDAR SOBRE GÊNERO NA UNIVERSIDADE?

- SIM NÃO
- NÃO SEI

VOCÊ PARTICIPA DE EVENTOS PROPOSTOS PELA UNIVERSIDADE OU ORGANIZADOS POR DISCENTES, QUE TENHAM A TEMÁTICA DE GÊNERO COMO TEMA CENTRAL? (rodas de conversas, exposições de filmes, palestras, oficinas e etc)

- SIM NÃO
- ÀS VEZES

CASO JÁ TENHA SOFRIDO ALGUMA VIOLÊNCIA DE CUNHO HOMOFÓBICO, SEJA ELA FÍSICA OU PSICOLÓGICA, VOCÊ GOSTARIA DE COLABORAR VOLUNTARIAMENTE E ANONIMAMENTE (caso deseje) COM A ELABORAÇÃO DE UM AUDIOVISUAL NO FORMATO VOZ OFF (seu rosto não será revelado, somente a sua narrativa) QUE TENHA COMO TEMÁTICA PRINCIPAL AS RELAÇÕES DE GÊNERO DENTRO DA UNIVERSIDADE E DE COMO A HOMOFOBIA INTERFERE NA PERMANÊNCIA DOS GRUPOS LGBTQ+ NO AMBIENTE ACADÊMICO?

- SIM NÃO
- NÃO ME ENQUADRO NO PERFIL

SE SIM, POR FAVOR, DEIXE O SEU E-MAIL QUE ENTRAREMOS EM CONTATO PARA QUE OS DEMAIS DETALHES DA PESQUISA SEJAM REPASSADOS.

OBRIGADA!

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

- ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*. 2012, 278f. Tese (doutorado) Área de concentração: Educação- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 141 p.
- BUTLER, Judith. **Desdiagnosticando o Gênero**. Rio de Janeiro: Physis Revista de Saúde Coletiva, 2009.
- FERNANDES, Diniz Nilson. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, núm. 39, enero-abril, 2011, p. 39-50.
- GASKELL, Geoge; BAUER, Martin. W. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi- 7^{ed}, Rio de Janeiro, 2008.
- GROSSI, Mirian Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**, nº 74, 2004, p.01- 37
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pósestruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer - uma política pós identitária para a educação. **Estudos feministas**. nº 9, jul/dez, 2001, p. 541-552.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Cadernos SECAD 4. Brasília, 2007.
- PRECIADO, Beatriz. **O Manifesto contrassexual - práticas subversivas de identidade sexual**. 1^o ed, 2015.
- RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Tradução por Carlos Guilherme do Valle. Revista Bagoas, Natal, n. 5, 2010.
- SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos feministas**, nº 9, jul/dez, 2001, p.461-482.

MATERIAL DE IMPRENSA E INTERNET

Apresentação - Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/apresentacao>. Acesso em: 27 de Julho de 2019.

Dicionário de sexualidades: um guia incompleto. Disponível em: <https://medium.com/@laurampires/dicion%C3%A1rio-de-sexualidades-um-guia-incompleto-f49b72b74220>. Acesso em: 06 de Abril de 2019.

Lei de Cotas para o Ensino Superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em 20 de Agosto de 2019.

PF é acionada após denúncia de ameaça homofóbica em banheiro da UFPI. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2018/10/11/pf-e-acionada-apos-denuncia-de-ameaca-homofobica-em-banheiro-da-ufpi.ghtml>. Acesso em 27 de Abril de 2019.

Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira. Disponível em:

<http://www.unilab.edu.br/>. Acesso em: 14 de Agosto de 2019.

9. ANEXOS

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

<i>Cronograma para a realização das práticas</i>	<i>Previsão para a realização das práticas.</i>
Continuidade da revisão bibliográfica	Outubro, 2019
Entrega dos questionários aos discentes	Março/abril, 2020
Análise de dados com base as respostas ao questionário	Maio/julho, 2020
Contato com os entrevistados que desejam se voluntariar	Agosto, 2020
Transcrição e análise de entrevistas	Outubro/novembro, 2020
Início do processo de edição do documentário	Janeiro, 2021
Finalização do projeto	Julho, 2021

